

Considerações finais

Para continuar..., poesia: “é sempre mais difícil ancorar um navio no espaço”. Esse poema, da escritora carioca Ana Cristina Cesar, chamado “Recuperação da adolescência”, me convocou aqui não só pelo fato de meu trabalho abordar a adolescência, mas também porque, durante esses dois anos de leitura e pesquisa para escrever a dissertação, ele fez água no meu caminhar. Fez fundo às páginas em branco por serem escritas, quase como uma efêmera miragem que, quando recuperada, nela eu me ancorava.

Estabelecer um diálogo entre a noção de corpo para a psicanálise e o movimento de meninas adolescentes que recorrem ao implante de prótese mamária de silicone como o vemos na cultura contemporânea revelou-se exercício de incertezas e dúvidas. Adicionemos a isso o fato de que, para a constituição do campo, tínhamos à nossa frente a delicada questão da faixa etária dos nossos sujeitos de pesquisa em relação ao projeto cirúrgico por elas empreendido. Sinais dos tempos ou não, fomos encontrar nossas adolescentes na rede mundial de computadores, na mídia como um todo. Se, por um lado, a quase virtualidade de nossas meninas parecia se confundir com a noção de imagem corporal como aquela que não nos é dada a olhos nus, por outro, a escuridão contemporânea, para parafrasearmos Agamben (2009), era sinal de que precisávamos lançar mão de alguma cautela.

Assim, fomos ao encontro das limitações proporcionadas pelos recortes discursivos por nós selecionados. Articular tais recortes à teoria psicanalítica sem cairmos no banalizado sintagma “Freud explica”, o qual implicaria estabelecer uma relação de causalidade entre as declarações das adolescentes e suas cirurgias estéticas, fora trabalho delicado. Era também preciso vislumbrar no horizonte um “ponto de chegada” sem estabelecer conclusões apressadas, quando em muitos momentos algo a mais parecia ser possível incluir em nossas análises. Muitos dos nossos questionamentos nesta dissertação estão em aberto para a reflexão, uma vez que a velocidade mesma das transformações corporais na cultura parece dar o tom de nosso tempo. Fomos lançados para além das nuvens - e para Além das Nuvens, como no filme de Antonioni e Win Wenders. No espaço virtual, nossas meninas adolescentes têm à mão intenso fluxo de informação e comunicação *prêt-*

à-porter sobre cirurgias estéticas, assim como a possibilidade de trocar experiências sobre seus implantes de prótese mamária de silicone. Essa velocidade de transformação parece lançá-las em um espaço ainda não advindo – um espaço recoberto pela imagem, pelo que chamamos de “desejo pelo que é visível”, um vestígio de si (Le Breton, 2003) que se coadunaria minimamente com o tempo necessário ao psiquismo para se encontrar novamente com seu corpo. Nesse sentido, os cuidados com o corpo contemporâneo – tornados bens de consumo – parecem conferir um *status* imaginário de pertença a um grupo exclusivo que, ao excluir a escuridão da morte, “atinge” uma identidade de bem-estar social, físico e psíquico, que, por sua efemeridade, perde a validade ao raiar do dia.

Como anunciado na introdução deste trabalho, o objetivo desta pesquisa fora lançar possíveis leituras para o que poderia mover meninas adolescentes a procurarem por um implante de prótese de silicone, sob a ótica do corpo representado para a psicanálise. Pudemos verificar com Freud a perenidade da noção de corpo na seara psicanalítica, se pensarmos na noção de Eu como representante de uma imagem de si. No entanto, o desmedido pulsional contemporâneo parece nos aproximar ao excesso da pulsão que escapa das raias da lógica da representação, o que, tudo indica, nos deixou meio à deriva, a meio caminho, meio adolescentes. Esse mesmo desmedido viria então a se coadunar com as articulações de Ehrenberg (1998) como consequência do enfraquecimento das normas que regulavam o coletivo humano em seu passado mais imediato.

De certa forma, ainda recairia sobre nossas adolescentes o livre-arbítrio e a responsabilidade de optar pela busca de seus procedimentos cirúrgicos. Não há como, de todo, isolar o Eu da conjunção composta pelas esferas sócio-político-culturais – no qual ele está inserido - que se estabelecem no projeto das cirurgias estéticas em adolescentes. A precariedade do eu em não dissociar as “percepções internas” das “externas” (Medeiros, 2005) parece levar nossas adolescentes a não saber se “são elas mesmas que querem a prótese de silicone” ou se “a prótese de silicone é que as quer”.

Assim, na cultura contemporânea, são inúmeras as justificativas elaboradas por nossas adolescentes para usufruírem de seus corpos (Mauss, 1934) pelo viés de seus implantes de silicone. Como salientamos já no final do capítulo anterior, com Freud (1914) a chamada crise da adolescência remeteria a um desligamento

do imaginário familiar. Esse fato produziria fissuras na imagem de si da adolescente. Se diante de tais fissuras se espera que alguma elaboração psíquica se dê por parte da adolescente (Alberti, 2008), então a cirurgia estética a que se submete na contemporaneidade se apresenta como mais uma possibilidade, frente a tantas, para o corpo pulsional fazer sua casa no campo da cultura contemporânea. Como exemplo disso, temos a declaração de uma adolescente sobre o porquê de haver optado pela cirurgia: “nosso cartão de visitas é o nosso corpo”.

Nesse sentido, uma vez feita a opção pelo procedimento cirúrgico, vimos ao longo deste trabalho que diversas são as saídas para as nossas adolescentes para a tessitura daquela fissura – composta, além de seu próprio empreendimento, por um jogo de forças que envolve as adolescentes mesmas, seus pais – ou responsáveis –, cirurgiões plásticos e a mídia a pautar o referido fenômeno.

Na pesquisa de campo, através das categorias de análise, pudemos constatar que poucas foram as declarações das adolescentes que pareciam estar mais advertidas sobre a dimensão de suas imagens corporais em relação à cirurgia estética a que se submetiam. Dessa maneira, essas traziam a ideia de um investimento corporal que parecia estar atrelado a um resgate narcísico menos imaginarizado, se assim pudermos dizer. Basta lembrarmos da adolescente que alega que “você precisa saber se isso é algo que realmente te incomoda ou se é só mais uma modinha da qual você quer participar. A cirurgia me ajudou em uma idade bem difícil para uma menina. De alguma forma, o silicone contribui para minha formação como mulher”. Em outro exemplo, temos a declaração de Luciana, de 17 anos, que recorreu à prótese de silicone somente 2 anos após de ter emagrecido 10 kilos. Ela afirma: “Eu acho boa essa cirurgia como no meu caso, estava afetando a minha autoestima, eu tinha vergonha de sair de casa [...] uma cirurgia gasta dinheiro e não é uma coisinha simples que se faz”. Na categoria “Corpos em transformação”, pudemos verificar na fala de Marize, de 15 anos, um mal-estar adolescente que remete ao desabrochar da sexualidade. Respondendo à pergunta de um *blog* se estava satisfeita com o seu corpo, ela diz: “Não estou satisfeita porque vou fazer 15 anos esse mês e não tenho seios, só pelos na vagina e nas axilas. Minhas amigas têm tudo menos eu, isso me deixa triste demais”. Já Jordana, com 21 anos, traz uma declaração interessante: “Baixa autoestima é algo muito mais profundo do que a simples preocupação com a

estética. Já tive problemas com o meu corpo, mas nunca recorri a uma intervenção cirúrgica. Sabia que o problema estava na minha cabeça”.

Tal investimento não foi o que encontramos na grande maioria das declarações, as quais nos indicavam estarem mais direcionadas às demandas sociais por uma beleza plástica “sem tristeza e, sobretudo, sem passado” como no dizer de Sant’Anna (2005). Na categoria “Corpos presenteados”, Tanya, de 15 anos, com a prótese de silicone – que foi um presente de aniversário – parece ter ganho uma imagem de sucesso. Ela alega: “você precisa ter seios de verdade para ter sucesso. Todas na TV já fizeram um implante. Então pensei: qual o problema, se eu posso ter implantes quando eu quiser?”. Já Gisele, de 17 anos, soa categórica: “foi presente antecipado de aniversário, melhor que qualquer viagem”. A diáde moda&beleza, parte do estatuto do corpo na contemporaneidade, irá aparecer nas conclusivas palavras de Evelin, de 16 anos: “É assim – ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém. Nas novelas, toda garota tem, no cinema idem, no colégio há várias... até a secretária do meu pai está com os seios da moda”. O que normatiza a beleza feminina, no dizer de Novaes (2001, p. 42), não é o fato dos padrões de beleza serem impostos, mas sim que a mulher a todo momento recebe a mensagem de que ela “pode ser bela, se assim o quiser”. A mulher ao aceitar tal mensagem, tudo indica, assume uma responsabilidade sobre o seu corpo que chega a preocupá-la. Na categoria “Corpos desejados: o olhar masculino”, temos a declaração de Antônio, de 42 anos, sobre sua primeira experiência sexual com uma mulher siliconada: “Foi estranho, a garota estava esperando uma avaliação, era mais um julgamento do que uma curtidão”.

Esses dois grupos de adolescentes, a saber, por um lado, as que respondem mais imaginariamente à demanda por um corpo da moda e, por outro, aquelas para as quais o implante de silicone teria como investimento o resgate, diríamos, de um corpo elegante, apresentam, é claro, suas nuances. Tais matizes parecem compor o movimento de busca por um implante de silicone por parte das meninas adolescentes.

Se o corpo histórico, logo, imaginário, tem como corolário a noção de Eu como representante de uma imagem de si, então não temos como contra-argumentar a perenidade da noção de corpo histórico para a teoria psicanalítica. Essa imagem de si parece estar sendo buscada na miríade de opções de cuidados para com o corpo na cultura. Talvez possamos afirmar aqui que, ao contrário do

desmedido pulsional e da conseqüente insuficiência de que falou Ehrenberg, parece haver uma maior adequação do Eu ao projeto de se tornar ele mesmo via cirurgias estéticas. No entanto, como mesmo apontou o autor, isso cansa.

Se o projeto das próteses de silicone para a grande maioria das adolescentes é narcisista para além de um cuidado vital para com o corpo, então devemos lembrar o narcisismo dos pais, quando autorizam as cirurgias de suas filhas. Freud (1914) mesmo já havia nos alertado para o fato de que o amor parental pelos filhos seria o resgate de seu próprio narcisismo outrora perdido. Essa relação aparece na fala de Thereza, de 49 anos, que já fez 8 cirurgias plásticas e ainda encontrou uma clínica que realizou a primeira cirurgia estética da sua filha quando ela tinha 14 anos. Hoje, aos 16, ela já conta com uma prótese de silicone, uma lipo abdominal e de culote e botox entre o nariz e as sobrancelhas. Com a palavra, Thereza: “Enfrentei a resistência do meu marido e do namorado dela. Também deixei de fazer intervenções em mim para investir num corpo perfeito para minha filha”.

Assim, cabe também, às partes envolvidas no projeto prótese de silicone em adolescentes rever de forma ética seus papéis, já que esses contribuem para o estabelecimento de um campo de forças que torna os corpos dotados de uma “docilidade estética”, para parafrasearmos Foucault (2009). Docilidade a serviço de um poder narcísico-corporativista aliado a interesses econômicos. A exemplo, temos a declaração do Presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgiões Plásticos, no biênio 2010-2011, no jornal A GAZETA. Ele diz: “Eu fiz a cirurgia da minha filha, por exemplo. E ela adorou”.

Por fim, acreditamos que tanto as considerações de Ehrenberg sobre a insuficiência do indivíduo contemporâneo como as de Freud em relação ao corpo representado aqui expostas são pertinentes para pensarmos o fenômeno de prótese de silicone em meninas adolescentes. Não poderíamos deixar de mencionar Fortes (2008), que irá lembrar que Ehrenberg não leva em conta o fato de que a noção de conflito não seria a única possibilidade para o padecer psíquico em Freud. Na esteira dele, a autora afirma existirem sintomas, os quais não só seriam desprovidos de sentido, de representação, mas que também seriam o derramamento em excesso da descarga pulsional diretamente no corpo, aproximando-se, assim, à noção de pulsão de morte. Da mesma maneira, Pinheiro & Darriba (2011, p. 386) lembram que a neurose de angústia em relação ao corpo,

trazida por Freud, diz respeito à “problematização de algo que não se refere exclusivamente ao conflito psíquico”.

Trabalhar com aquilo que não encontraria ancoragem em uma representação parece ser mais difícil do que ancorar um navio no espaço. Se a prótese de silicone seria mesmo uma prótese para o Eu diante do conflito causado pela fissura do desligamento de uma imagem de si, de uma imagem do seio familiar, ela então tem grandes chances de funcionar, uma vez que é de silicone; silicone, se a marca for boa, geralmente, por um bom tempo, veda bem.